

DEGRADAÇÃO DO TRABALHO NA CANA-DE-AÇÚCAR NO PONTAL DO PARANAPANEMA: OS DESAFIOS DA INTENSIFICAÇÃO DA PRODUTIVIDADE NO CORTE (TONELADAS/DIA/HOMEM), ACIDENTES E PROCESSO DE EXPLORAÇÃO

Gleice Eliane Planke *

gleiceplanke@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Com a expansão do agronegócio no Estado de São Paulo, aumenta a exploração da força de trabalho, pois com a reestruturação das empresas para acompanharem o avanço tecnológico e as exigências do mercado precisa acumular cada vez mais capital e se tornar competitivas, para obterem tais lucros exacerbados extraem a mais valia dos trabalhadores rurais, como se isso não bastasse tentam tirar proveito de qualquer forma do trabalhador, sendo este o sustentador dos luxos dos capitalistas que são os detentores dos meios de produção.

O ambiente que mais parece estar adepto a grande exploração é o setor canavieiro que por sua vez tenta de todas as maneiras possíveis driblar a lei e os

direitos humanos, causando danos irreversíveis a saúde e a dignidade do trabalhador rural, resultando em diversos números de acidentes nesse setor.

OBJETIVOS

Dentre as temáticas que podem ser abordados quando se pensa na atividade laboral relacionada à agroindústria canavieira, particularmente no corte e no plantio da cana-de-açúcar, pode-se ressaltar a preocupação especial com a saúde do trabalhador e os níveis de exploração do trabalho observando as condições e as marcas da precarização do trabalho no corte da cana-de-açúcar no Pontal do Paranapanema, com as atenções voltadas para o contexto das relações de trabalho,

* Graduada em Geografia. Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP. Membro do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho – CEGeT.

elevação das metas de corte no corte, o que obriga o trabalhador intensificar o ritmo e a velocidade do trabalho, o que tem ocasionado aumento marcante dos acidentes e consagrado ao *carro chefe* do agronegócio no Brasil, a marca da super exploração.

O ambiente de conflito que se estabelece por meio da relação capital x trabalho é de fundamental importância para apreendermos o conteúdo da luta de classes e a dinâmica territorial dos sujeitos sociais em questão.

Mais ainda, poderemos conhecer alguns detalhes e especificidades da degradação do trabalho envolvido no corte da cana-de-açúcar e, conseqüentemente, os acidentes oriundos do processo de intensificação dos patamares de corte no corte manual, imposto pelo ritmo do corte mecanizado e dos padrões de produtividade e eficiência do capital.

METODOLOGIA

Para a realização desse trabalho foram utilizados referenciais teóricos, reportagens, sobretudo a revista Pastoral do Migrante, os resultados dos levantamentos desta, através da investigação da precariedade do trabalho na cana-de-açúcar, foram imprescindíveis para a conclusão deste trabalho, muitos

dados também foram coletados em sites: ministério público do trabalho, de questões econômicas e relacionados a leis trabalhistas.

APONTAMENTOS TEÓRICOS

SOBRE TEMA

4.1. Agronegócio: Retrocesso ao Brasil colônia

Durante um tempo o açúcar sofreu um declínio e a agricultura se desenvolveu. Agora esse monstro está de volta, devorando a terra da agricultura. O açúcar voltou a ser santificado, como na época da colônia, quando a oligarquia enriqueceu e a música, a cultura, tudo era pago pelo açúcar, que significa concentração de terras nas mãos das multinacionais e das oligarquias.

[...] Socialmente o Brasil sofre um enorme retrocesso, volta ao período colonial [...] os senhores do capital financeiro, as oligarquias conquistaram um poder que nenhum imperador, papa ou rei jamais teve. Uma monopolização incrível: a refeudalização do mundo. (Jean Ziegler. Folha de S. Paulo de 2007, p.6-7).

A constituição das *commodities* é o resultado dessa maneira de organizar a produção: matéria – primas, fornecidas pelos países pobres, onde os preços são

determinados pelos detentores do mercado financeiro mundial.

Prado Jr já tinha feito essa observação sempre frisando que o Brasil não teve mudanças significativas na maneira de produzir em relação ao período em que o país quando era colônia de Portugal, pois ainda prevalece a agricultura monocultura em larga escala e com destino a exportação, onde a classe dominante interna se alia ao capital estrangeiro.

No Brasil a participação estrangeira na produção de açúcar e álcool passou de 5,7% para 12% de 2006 pra 2007¹.

Muitas empresas estrangeiras estão investindo no agronegócio brasileiro, reforçando a ideologia de que o país está progredindo e se desenvolvendo.

As previsões governamentais é que haverá uma nova divisão internacional do trabalho, onde os grupos do *agribusiness* promoverão a reinvenção colonial:

- Concentração da propriedade da terra;
- Desnacionalização da propriedade da terra por meio da transnacionalização da apropriação da renda da terra;
- Expropriação do campesinato existente nessas terras;
- Insegurança alimentar nos países pobres, na medida em que se configura a

nova territorialização imposta pelas empresas do agronegócio.

- Esgotamento das reservas de água doce e da produtividade natural da terra em razão do volume gigantesco de agrotóxicos.

4.2 A relação de trabalho desigual se legitima no campo

O modo como está organizado o trabalho na agroindústria canavieira, está diretamente relacionado com a degradação da saúde do trabalhador no campo, pois com a intensificação do trabalho, com o aumento da meta de corte de cana, o tempo de vida desse trabalhador é reduzida, quando ele não consegue mais atender as exigências de corte da empresa, ele é descartado como se nada valesse, quando chega nesse estágio, além de não servir mais para o corte, muitas vezes não consegue nem exercer outras funções, pois está no limite do desgaste físico, onde o proprietário canavieiro suga ao máximo a força de trabalho, com o único intuito de aumentar sua riqueza e acumular cada vez mais. O objetivo aqui é levantar tão quanto é desigual essas relações de trabalho, enquanto os trabalhadores perdem a vida, sofrem mutilações, os capitalistas usufruem os bens que a cana com sangue lhe dá. Essas pessoas abandonam as terras de

¹ Para maiores informações consultar: <<http://www.datagro.com.br>> acesso em: 13 de dezembro de 2008

origem buscando melhores condições de vida e encontram o descaso, as condições indignas de suas necessidades básicas e muitas vezes a morte.

4.3 As vítimas da cana

Segundo a Pastoral do Migrante houve em 2005, 416 mortes no setor sucroalcooleiro, a maioria por acidentes (levantamento feito pela Delegacia Regional do Trabalho – DRT).

Santos filho, diretor da Feraesp (Federação dos Empregados Rurais do Estado de São Paulo) as empresa não comunicam os acidentes, pois se comunicarem tem que bancar integralmente o salário do trabalhador parado, as empresas preferem transferir o trabalho para o INSS.

Quanto mais o trabalhador corta mais recebe, ou seja, sua remuneração é por produção, por isso se matam de trabalhar para aumentar seu pequeno ordenado. Esse critério de remuneração leva a exaustão e a morte do trabalhador.

O Ministério Público do Trabalho (MPT) questiona essa forma de remuneração, negociou com as empresas o fim da remuneração por produtividade, mas os próprios cortadores de cana resistirem a mudança.

A Feraesp defende o pagamento por metro de cana cortado em vez de tonelada, pois muitos dos trabalhadores são enganados na hora da pesagem, pois quem tem acesso aos equipamentos de pesagem não são os cortadores, mas sim os grandes exploradores de sua força de trabalho.

Muitos dos acidentes no campo estão relacionados com acidentes de trânsito, pois são extremamente precários os meios de transporte utilizados pelas usinas.

O Ministério do Trabalho quer reduzir a jornada desse tipo de trabalho para seis horas. Atrás de toda a beleza que é o uso do álcool como combustível limpo que não agride o meio ambiente está a super exploração da vida humana, essa não tem sequer o mínimo de valor, o lucro sim é que tem valor para os capitalistas, não se importam se um pai de família deixou uma mulher viúva e crianças órfãs.

Isso não importa, o que importa é que o álcool é um combustível limpo, a desculpa sempre é a mesma para omitir a barbárie no campo.

O agronegócio vem se alastrando pelo Brasil, no Estado de São Paulo, isso é catastrófico, no Pontal do Paranapanema podemos nos deparar com mares de plantações de cana, é a monocultura, em larga escala com destino à exportação, onde não se preocupa com o abastecimento interno, como por exemplo, onde é que já se viu um país com um

extensão territorial como o Brasil ter que importar arroz do Vietnã, enquanto milhares de brasileiros passam fome, o território é usado para manter o padrão de vida capitalista, o agronegócio passa por cima da natureza, da vida humana em função da exportação.

4.4 A Norma Regulamentadora NR31

As constantes mudanças que o campo tem passado, pelo avanço tecnológico nada mais são as maneiras que os capitalistas usam para terem menores perdas e maiores lucros como o estudo do melhoramento genético dos vegetais.

O campo passou a ser visto como uma empresa rural, com necessidade de planejamento e administração, como tal deve preencher requisitos de padronização e certificação de seus produtos e funcionários, como empresa possui responsabilidades.

A OIT (Organização Internacional do Trabalho), em sua convenção nº 184, relativa a saúde e segurança na agricultura mundial apontou o Brasil como sendo um dos países que devem tomar imediatas providências para reduzir o número de acidentes no campo, a partir de então a OIT passou a pressionar as autoridades brasileiras para que tomassem providências concretas, foi criado então um grupo

tripartite com representantes das partes envolvidas. Em 2006 o grupo concluiu seu trabalho com a geração da Nr31 (www.crea_rs.org.br)

NR 31: Norma regulamentadora de segurança e saúde do trabalho na agricultura, pecuária, silvicultura, exploração florestal e aquicultura. (Portaria nº 86, de 03/03/05 – DOU de 04/03/05).

O grande problema da NR 31 é o descumprimento dela, o empregador muitas vezes prefere pagar a multa ao invés de fornecer as Epi's a seus funcionários que para eles implicaria num custo maior, novamente a vida humana é superada pelo capital.

A NR 31 prevê muitos direitos ao trabalhador como a situação de alojamento, sendo a maioria migrantes, lugar adequado para realizarem as refeições, local para a higiene pessoal, água fresca e principalmente socorro imediato à acidentes que são inerentes ao trabalhador do corte de cana.

A punição que tem mostrado maiores resultados é a Lista Suja, onde o trabalhador que não cumpre a norma fica impedido de realizar financiamentos. Qual maneira mais eficaz de punir o capitalista, se não a que relaciona seu acesso ao capital, principal meio de acumulação?

5. RESULTADOS

5.1 O governo e a fiscalização

Em 2003 o presidente Luis Inácio Lula da Silva, lançou a Política Nacional de Combate ao Trabalho Escravo, coordenadas pela Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT), que conta com o grupo de fiscalização móvel que tem como objetivo erradicar o trabalho escravo e degradante, regularizar os vínculos

empregatícios tendo em vista a dignidade do trabalhador.

Até setembro de 2008 o grupo móvel havia retirado do trabalho degradante 3.804 trabalhadores que eram vítimas do trabalho análogo ao escravo previsto no artigo 149 do Código Penal que inclui: trabalho forçado, jornada exaustiva e trabalho degradante, itens que estão diretamente relacionados à ausência da saúde e segurança do trabalhador. Podemos conferir alguns resultados na tabela 1.

Tabela 1: Trabalho da Fiscalização móvel realizada em 18 Estados brasileiros

| Ano | Número de Propriedades Fiscalizadas | Trabalhadores Registrados | Trabalhadores Resgatados | Pagamento de Indenização | Alvarás Lavrados |
|-------|-------------------------------------|---------------------------|--------------------------|--------------------------|------------------|
| 2008* | 201 | 2.088 | 3.804 | 6.986.916,48 | 3.848 |
| 2007 | 206 | 3.637 | 5.999 | 9.914.276,59 | 3.319 |
| 2006 | 209 | 3.454 | 3.417 | 6.299.650,53 | 2.772 |
| 2005 | 189 | 4.271 | 4.348 | 7.820.211,26 | 2.286 |
| 2004 | 276 | 3.643 | 2.887 | 4.905.613,13 | 2.465 |
| 2003 | 188 | 6.137 | 5.223 | 6.085.918,49 | 1.433 |
| total | 1269 | 23.230 | 25.678 | 42.012.586,48 | 16.123 |

Quadro Geral - 2003 a 2008 * até setembro FONTE: Pastoral do Migrante <guariba@pastoraldomigrante.org.br>

5.2 O lucro à base de bagaço de gente e caldo de sangue

As usinas sempre dão um jeito para explorar a força de trabalho até as últimas conseqüências, driblam qualquer

regulamento e contratam mão de obra infantil e indígena, como podemos ver no documentário de Cristiano Navarro. Dourados - MS, a tragédia que ocorreu na aldeia guarani Kaiowá, em setembro de 2006.

Em setembro de 2006, quando o menino Guarani Kaiowá de 15 anos, Pedro da Silva* anunciou a decisão de largar a escola para trabalhar no corte de cana, seu pai, o viúvo José da Silva*, se viu contrariado. Não queria que o filho, um bom aluno da 6ª série da escola Loide Bonfim, da terra indígena Tey Kue, sofresse da mesma sina que o afastou prematuramente, com 32 anos, do trabalho no campo por um desvio na coluna cervical².

O pai de Pedro fez o que pode para dificultar a ida do filho para a fazenda Santa Cândida, pertencente à destilaria Centro Oeste Ltda, a Dcoil. Cujo dono,

contraditoriamente é um médico do trabalho.

O menino não seguiu os conselhos do pai, abandonando a escola onde era excelente aluno e acertou o trabalho com



Escravidão e morte: mão de obra indígena e infantil a serviço do desenvolvimento colonial brasileiro. Cristiano Navarro, Cimi MS 05/05/2008

um cabeçante indígena, ele trabalharia 70 dias em troca de R\$ 1200,00.

Os documentos de Pedro foram falsificados, onde seu nome foi trocado pelo nome de Devir, não constava foto e a sua idade era de 24 anos.

Após os 70 dias de trabalho Pedro voltou para casa sem ter recebido nada em troca de seu trabalho, o cabeçante havia dito para Pedro que ele deveria trabalhar mais um mês para completar o valor de

R\$1600,00; mas o menino não chegou a trabalhar mais um mês, 12 dias depois ele chegou morto na casa de sua avó, ele havia sido degolado no local onde trabalhava.

Por causa da falsificação dos documentos não havia nem uma notificação de sua morte.

A DCOIL também foi flagrada no dia 27 de março de 2007, pelo Grupo Especial Móvel de Fiscalização do Ministério Público do Trabalho, foram libertados nessa operação 498 trabalhadores, sendo 150 indígenas que estavam alojados em um barracão sem janelas, que comportava

² Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/o-lucro-a-base-de-bagaco-de-gente-caldo-de-sangue>>. acesso em outubro de 2008

apenas 90 pessoas, desses 30 dormiam no chão.

Depois dessa diligência, a Dcoil teve que pagar a multa e assinou um termo de ajustamento de conduta, onde se comprometeu a melhorar as condições dos trabalhadores.

Segundo o Conselho Indigenista Missionário, no Mato Grosso do Sul, dos 53 assassinatos ocorridos em 2007, 3 foram dentro das usinas.

Outra usina violadora dos direitos humanos é a Debrasa, localizada no município de Brasilândia-MS, está na lista das usinas com ocorrência de assassinatos e trabalho degradante, nessa 1011 trabalhadores foram libertados. A Debrasa pertencente a um dos maiores grupos do setor é chamada pelos indígenas e pelo Ministério do Trabalho de “Verdadeiro Inferno”.

Das muitas imprudências estavam, comida intragável, atraso nos salários, banheiro sem água, onde as fezes estouravam os canos e os trabalhadores tinham que tomar banho no rio. Como se não bastasse, ainda há na região da usina um detrito, onde se encontram bares, prostituição, consumo de drogas e todo tipo de exploração humana que você possa imaginar, diz o procurador Cícero Rufino.

Ainda há quem diz que os usineiros contribuem para o desenvolvimento no Mato Grosso do Sul, e ganham como

prêmio isenção de impostos. O governador André Puccineli, concedeu isenção de 67% do ICMS, para 44 usinas do Estado.

5.3 A vida útil de um cortador de cana

Muitos estudiosos acreditam que a vida útil de um cortador de cana no Estado de São Paulo é igual ao da época da escravidão. Atualmente a vida útil é de 12 anos, como naquela época, segundo a professora livre docente da Unesp (Universidade Estadual Paulista) Maria Aparecida de Moraes.

Esse novo ciclo da cana exige cada vez mais esforço do trabalhador que é obrigado a colher 15 toneladas/dia, ao menos 19 mortes ocorreram nos canaviais por excesso de esforço no Estado desde 2004.

Na década de 1980 a 1990 o trabalhador permanecia na atividade mais ou menos 15 anos e esse número em 2000 deve ter caído em torno dos 12 anos afirma a professora.

Com o aumento das exigências das usinas em relação a quantidade de cana cortada e o ganho pela produtividade a tendência é a vida útil ser diminuída cada vez mais, já que os usineiros só tem em mente a obtenção do lucro assim como os senhores de terra da época da colonização

faziam com seus escravos exploravam até a última gota o trabalho do negro africano, hoje em dia não mudou praticamente nada.

Segundo o historiador Jacob Gorender até 1850 a vida dos escravos na agricultura era de 10 a 12 anos e com a proibição os proprietários passaram a cuidar melhor de seus escravos esse índice subiu para 15 a 20 anos, então podemos concluir que a vida útil de um cortador de cana é inferior à do período colonial.

A professora e pesquisadora Maria Aparecida Moraes Silva depois de regressado do Maranhão e Piauí, principais regiões fornecedoras de mão de obra para esse tipo de trabalho, constatou que há um maior número de jovens migrando para o Estado de São Paulo devido o aumento da exigência da força física, essas pessoas tem geralmente de 25 a 40 anos.

Para ser cortador de cana tem de ter braço, porque, se não tiver, morre, ou de fome ou no canavial, de tanto trabalhar (José Lúcio de Oliveira).

Essa afirmação foi feita por José Lúcio de Oliveira de 33 anos que veio de Barra de Santo Antônio para o corte de cana na região de Ribeirão Preto. Ele conta como é precária sua casa, que tem dois cômodos e divide com mais dois companheiros, eles acordam 4h da manhã, na reportagem realizada por Joel Silva, repórter fotográfico da folha Ribeirão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a situação do trabalhador rural brasileiro, em especial o da cana de açúcar, podemos constatar o quanto é ingrato a relação de trabalho entre o usineiro capitalista e o trabalhador, estamos regredindo visivelmente nesse aspecto, estamos diante do mesmo tipo de produção que o país vivia na época da colonização, ou pior, naquela época a vida útil de um trabalhador escravo era maior que a de hoje, pode-se chegar a conclusão que pouca coisa mudou, pois os grandes beneficiados com essa maciça exploração são a classe burguesa, junto com O Estado que promove o avanço da degradação do trabalho através das políticas de isenções fiscais, dando carta branca aos usineiros. Ainda com o ganho através de produção, o trabalhador se esforça muito mais para dar conta da exigência imposta.

O cortador de cana não tem vida própria, ele vive para o trabalho, quando não está trabalhando, está tentando recuperar as forças para o dia seguinte.

Até quando pessoas irão morrer para encher os tanques dos automóveis com o combustível ecologicamente corretos? Até que se sabe o ser humano faz parte da natureza, então será que um dia haverá o combustível humanamente correto?

BIBLIOGRAFIA

MARX, K. ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**, edição ebooksbrasil.com,1999

REGO, R. M. L, **Sentimentos do Brasil**. Campinas: Edunicamp, 2000. Cap. 1,4 e 5.

SILVA, M. A. de M. Agronegócio: a reinvenção da colônia. In: SILVA, M. A. de M; ALVES, F. PEREIRA, J. C. **Agrocombustíveis Solução?** São Paulo: CCJ, 2008.

Norma Regulamentadora 31. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/>>. Acesso em: Dezembro, 2008.

PLANKE, G. Degradação do trabalho na cana-de-açúcar no Pontal do Paranapanema: os desafios da intensificação da produtividade no corte (toneladas/dia/homem), acidentes e processo de exploração. **Revista Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente, vol. 11, n. 1, 30 junho 2010. Disponível em: <<http://www.fct.unesp.br/ceget/pegada111/10gleice1101.pdf>>. Acesso em: _____. 20__.